

O testemunho litúrgico nas Atas dos Mártires: A expressão da *lex orandi* da Igreja primitiva

Anderson Batista Monteiro¹

Resumo: A Igreja primitiva é marcada pelo testemunho de numerosos cristãos que sofreram com a perseguição promovida pelo Império Romano. Mesmo assim, inúmeras pessoas aderiam ao cristianismo e a Igreja dava seus primeiros passos em meio ao sofrimento. O relato dos mártires foi conservado nas obras de alguns Padres da Igreja e, sobretudo, nas “Atas dos Mártires”, que consistem na narração do processo jurídico e da condenação dos cristãos à morte. Nesses escritos, encontramos diversos gestos litúrgicos presentes nos momentos derradeiros desses homens e mulheres. Por meio desses recortes, temos acesso à experiência celebrativa dos fiéis nos primeiros séculos da Igreja como expressão máxima da *Lex Orandi* da Igreja. Com esta pesquisa, queremos aprofundar a relação da *Lex Orandi*, *Lex Credendi* e *Lex Vivendi*, a partir da experiência litúrgica da Igreja primitiva. O culto que prestavam a Deus estava intimamente ligado ao seu agir, de modo que o ato litúrgico era estendido na própria vida. A vivência cristã e o culto litúrgico eram realidades indissociáveis, e por isso, com naturalidade eram repetidos durante o processo de condenação e de execução da pena de morte.

Palavras-chave: Liturgia; Mártires; Lex Orandi; Atas dos Mártires.

INTRODUÇÃO

Após o período apostólico, a Igreja é marcada pelo testemunho profético dos mártires. Desde o ano 64, com a perseguição de Nero, até o ano 313, em que Constantino autorizou a liberdade do culto, os cristãos sofreram com a tortura e com o martírio. A perseguição aos cristãos foi motivada por fatores políticos e religiosos, o Império Romano estava preocupado com o crescimento do número de adeptos ao cristianismo, o qual era considerado uma superstição “perniciosa”. As autoridades do Império olhavam o cristianismo como uma ameaça à hegemonia do Império. Os cristãos se recusavam a participar de cerimônias religiosas promovidas pelos romanos, como também não aceitavam o culto ao imperador. Tais atitudes contribuíram para a fragmentação social do Império Romano. Segundo D. Grings, as autoridades romanas interpretavam o anúncio evangélico como um novo estatuto que os cristãos teriam recebido de Deus, e isto representaria um desrespeito e uma desobediência às leis do Império (1994, p. 46).

Mesmo em meio a perseguição, inúmeras pessoas aderiam ao cristianismo por todo o mundo conhecido, da Ásia à costa mediterrânea da Espanha, além das fronteiras do Império Romano. A Igreja dava seus primeiros passos em meio ao sofrimento. Apesar de o Império reprimir os cristãos, a perseguição não desestimulava a comunidade cristã. Pelo contrário,

¹ Doutor em Teologia Sistemático-Pastoral pela PUC-Rio, professor do Departamento de Teologia da PUC-Rio, andersonbatista@puc-rio.br.

contribuía para a sua difusão. Tertuliano expressa esse crescimento contrastante da Igreja, afirmando que “o sangue derramado pelos mártires é a semente de novos cristãos” (2003, p. 218).

1 O RELATO DO MARTÍRIO DOS PRIMEIROS CRISTÃOS

Os mártires dos primeiros tempos exerceram um papel específico na missão evangelizadora da Igreja, cujo testemunho é transmitido até hoje. Para J. Comblin, os cristãos martirizados desempenharam uma missão profética em dois sentidos: levando o Evangelho aos pagãos e confirmando os cristãos na fé (2009, p. 98). Na tentativa de desanimar a adesão ao cristianismo, os governadores romanos exaltavam a pena capital. No entanto, os cristãos aproveitavam a prisão e o processo jurídico para propagar a fé em Cristo, fosse por discursos durante as defesas, fosse pela simples profissão de fé, como aquela pronunciada pelos mártires africanos: “Eu sou cristão” (DANIEL-ROPS, 1988, p. 187). “Desde o mais célebre até o mais obscuro, todos deram provas perante a morte de uma firmeza de ânimo e de uma serenidade que, independentemente da adesão à sua fé, suscitaram muitas vezes a maior admiração” (DANIEL-ROPS, 1988, p. 186).

A descrição do sofrimento dos mártires está descrita nas obras de alguns Padres da Igreja e, sobretudo, nas “Atas dos Mártires”, que consistem no relato do processo jurídico e da narração da condenação dos cristãos à morte. Como Cristo entregou a sua vida pela salvação dos homens, inúmeros cristãos deram a vida em favor do anúncio do Evangelho. Eles assumem na própria carne a paixão do Senhor, isto é, o martírio como sinal do próprio Cristo. H. Daniel-Rops afirma que “o relato das perseguições constitui uma das páginas mais grandiosas da história do cristianismo, aquela que, misticamente liga com o laço mais estreito a experiência da alma cristã à de Jesus, seu modelo” (1988, p. 155).

As Atas dos Mártires impressionam pela riqueza de imagens simbólicas. Os gestos litúrgicos, presentes na vida cristã, são retratados nos momentos derradeiros desses homens e mulheres. O culto que prestavam a Deus estava intimamente ligado ao seu agir, de modo que o ato litúrgico era estendido na própria vida. O momento do martírio assemelha-se, por vezes, a uma celebração litúrgica, na qual o mártir é ele próprio a oblação. Por esses recortes do testemunho litúrgico das atas do martírio, pode-se ter acesso à experiência celebrativa dos fiéis nos primeiros séculos da Igreja.

Até o século IV, não existia uma liturgia formal e comum à toda Igreja. Os sacramentários foram escritos com o passar do tempo a partir da experiência das diversas liturgias existentes. Contudo, descobrimos a vida litúrgica da Igreja dos primeiros séculos através dos atos sacramentais descritos nas “Atas dos Mártires”. O teólogo espanhol A. Franqueza apresenta os atos litúrgicos realizados pelos mártires no processo condenatório e durante o próprio martírio (1986, p. 5-18).

2 O TESTEMUNHO LITÚRGICO NAS ATAS DOS MÁRTIRES

A Sagrada Escritura, em particular o Evangelho, ocupava um lugar especial na vida da Igreja. Como não havia na época dos mártires um ritual litúrgico definido para toda a Igreja, os cristãos tinham a Bíblia e a Tradição Apostólica como as principais fontes para a vida religiosa. Estes eram os elementos essenciais da vida cristã.

Os mártires conservavam a Palavra de Deus plasmada em seus corações. Tertuliano testemunhava a vida dos cristãos de seu tempo e afirmava que a Palavra de Deus era o alimento da fé, em que se alcançava a esperança e fortalecia a confiança no Senhor (TERTULIANO, 2003, p. 204). E durante o martírio, a Palavra de Deus não era esquecida pelos mártires. Pelo contrário, era a Palavra que os sustentava, dando sentido à entrega da própria vida pela Palavra Eterna.

Por atos simples e espontâneos, os mártires expressavam o amor que tinham com a Palavra de Deus, mesmo que isso lhe custasse a própria vida. Como relatado no martírio do bispo São Félix de Tibuica que diante da ordem dada pelo juiz de entregar os Livros para serem queimados, declarou: “Antes preferiria que me queimassem a mim, vivo, em vez das Escrituras divinas, porque convém mais obedecer a Deus que aos homens” (MARTÍRIO DE SAN FELIX, 2003, p. 961).

Da mesma forma, o amor pela proclamação da Palavra foi a causa da condenação à morte do diácono Euplo, na cidade de Catânia. Como a proclamação do Evangelho na assembleia é próprio do ministério diaconal, o diácono foi surpreendido pelos soldados lendo o Evangelho aos fiéis e; por isso, foi executado com o livro dos Evangelhos amarrado no pescoço (MARTÍRIO DE SAN EUPLO, 2003, p. 1055).

A. Molinero recorda o cuidado com que bispos e padres guardavam os *Codices sacri* (presumidamente o Antigo e Novo Testamento) (1992, p. 25). Esta predileção era visível no modo como os cristãos conservavam o livro sagrado em um lugar especial. As Atas de São Filipe de Heracléia narram a violência da perseguição de Diocleciano, com ordens de destruir os templos e queimar os livros sagrados. Os soldados arrancavam as decorações dos templos e atiravam às chamas, inclusive as cópias dos livros sagrados que encontravam (MARTÍRIO DE SAN FELIPE, 2003, p. 1062)

A vivência cristã estava de tal modo enraizada na vida dos mártires, que a Palavra de Deus e culto litúrgico eram realidades recorrentes no dia a dia, e com naturalidade eram repetidos durante o processo de condenação e de execução da pena de morte. O martírio de São Cipriano, bispo de Cartago, é exemplo de um ato litúrgico relatada nas Atas do processo condenatório. Antes de entrar no tribunal em que foi condenado, Cipriano avistou uma poltrona coberta por um manto. Em sua época, a cátedra, símbolo do ministério episcopal, era coberta por uma colcha. O diácono Poncio narra que Cipriano sentou-se, “a fim de que nem mesmo sob o golpe do martírio, deixasse de gozar as honras episcopais” (VIDA Y MARTÍRIO DE SAN CIPRIANO, 2003, p. 746). Este gesto tão singelo revela o que tantas vezes Cipriano fez diante da comunidade. De fato, foi o povo que o escolheu para ser bispo e, como fiel sucessor dos apóstolos, até o

fim deu testemunho da fidelidade ao seu ministério, como Cristo deu a vida pelo seu rebanho. F. Figueiredo reconhece que “os cristãos viam nos mártires um profeta. Suas últimas palavras eram atentamente escutadas: Deus falava por eles ao povo cristão. Assim, ao decidir ser martirizado em Cartago, Cipriano coloca o ato supremo de seu episcopado” (1984, p. 59).

Outro elemento fundamental na Igreja dos mártires é a celebração da Eucaristia. Os cristãos dos primeiros séculos, mesmo colocando suas vidas em risco, não deixavam de se reunir para celebrar a Eucaristia. Eles vivenciavam a Eucaristia como a fonte e o ponto mais alto de toda vida cristã. Por isso, neste tempo não se compreendia um cristão que se ausentasse da celebração eucarística.

Justamente por participarem da ceia do Senhor, cerca de cinquenta cristãos foram martirizados em Abitínia no ano de 304. Os cristãos estavam reunidos na casa de um deles, Octávio Félix, para celebrar “segundo o costume”, os mistérios do Senhor. Surpreendidos pelos magistrados da colônia foram conduzidos ao fórum e depois enviados a Cartago. Durante o trajeto, não deixaram de entoar cânticos ao Senhor com fervor e alegria. Diante do procônsul de Cartago, Anulino, não omitiram a fé em Cristo. O mártir Telica dizia enquanto era cruelmente torturado: “Somos cristãos, por isso temos nos reunido”. “Sim, assisti à reunião e celebrei os Mistérios do Senhor, porque sou cristã”, respondia a mártir Vitória. “Celebramos devotamente os Mistérios do Senhor porque esta celebração não pode ser interrompida”, respondia o sacerdote Saturnino. Emérito responde às acusações afirmando: “Para nós, não é possível viver sem celebrar o Mistério do Senhor” (MARTIRIO DE LOS SANTOS SATURNINO, DATIVO Y OTROS MUCHOS MÁRTIRES, 2003, p. 975-982).

As respostas dos mártires manifestam o que a Eucaristia significava para cada um. Eles estão convencidos de que não se é cristão sem a Eucaristia. A participação consciente na celebração do Corpo e Sangue de Jesus fazia com que eles expusessem a própria vida. A celebração da Eucaristia é muito mais do que uma simples reunião ou um culto desconexo da vida. Ela faz parte do ser cristão. Mesmo expostos a toda espécie de tormento não deixavam de celebrar a Ceia do Senhor.

Dentre os atos litúrgicos descritos durante os martírios, encontramos alguns elementos presentes no rito da Eucaristia. Antes do martírio de Montano, Lúcio e companheiros, a mártir Cuartilosia teve uma visão. Ela descreve que viu um jovem apresentando-lhe cálices cheios de leite e deu de beber a todos os presentes. No dia seguinte, a visão da mártir é realizada e foi entregue aos mártires os cálices de leite pelas mãos de Luciano (MARTIRIO DE LOS SANTOS MONTANO, LUCIO Y COMPAÑEROS, 2003, p. 808-809). Nos primeiros séculos, os fiéis, após terem sido batizados, participavam da Eucaristia pela primeira vez, e recebiam após a comunhão um pouco de leite. O leite era utilizado como a síntese dos sacramentos da iniciação cristã, pelos quais os cristãos recebem a nova vida e tomam posse da terra em que correm leite e mel. O simbolismo do leite é citado com frequência na antiguidade cristã, juntamente com o mel, baseados nas referências bíblicas em 1Cor 3,2 e 1Pd 2,2. Tertuliano e São Jerônimo também se referem ao gesto de misturar leite e mel (2003, p. 231; 2003, p. 774).

Na ata do martírio das santas Felicidade e Perpétua também aparece o leite como sinal da iniciação cristã. Antes do martírio, Perpétua tem a visão de um pastor que ordenhava as ovelhas e lhe diz: “Sejas bem vinda, filha”. “Chamou-me e do queijo – leite, que tirava me deu um pouco, e eu o recebi com as mãos juntas e comi” (MARTÍRIO DE LAS SANTAS PERPETUA Y FELICIDAD Y DE SUS COMPAÑEROS, 2003, p. 419-421). Mirella Susini esclarece que o pedaço de queijo entregue à Perpétua simbolizava a Eucaristia: era um encorajamento diante do martírio. Jesus é o pastor que ordenhava as ovelhas, o bom pastor dos Evangelhos (2002, p. 108).

Ainda relacionado aos gestos litúrgicos, encontramos o ato de saudação da paz nas atas. Já próximo à consumação do martírio, Perpétua e Felicidade, juntas aos outros mártires, foram conduzidas ao anfiteatro para morrerem ao fio da espada. Antes de entregarem suas vidas, Perpétua e Felicidade, de pé, beijaram-se mutuamente com os demais mártires, “a fim de consumir o martírio com o rito solene da paz” (MARTÍRIO DE LAS SANTAS PERPETUA Y FELICIDAD Y DE SUS COMPAÑEROS, 2003, p. 439). Era o mesmo ato que faziam antes de receber o Corpo e o Sangue de Cristo. Mais do que um simples cumprimento de despedida, o ósculo representava a oferta do dom pascal, do dom da ressurreição, ofertado por Cristo aos discípulos reunidos no cenáculo. Era o beijo da ressurreição.

O mesmo gesto de saudação da paz é apresentado no martírio dos santos Montano, Lúcio e companheiros. Um destes mártires, Flaviano, acompanhado de outros cristãos, saudou com a paz da Igreja cada um, confirmando na fé todos os irmãos e exortando-os a viverem na unidade, na paz e na caridade (MARTÍRIO DE LOS SANTOS MONTANO, LUCIO Y CAMPAÑEROS, 2003, p. 821-822). O rito da paz na liturgia é rico de significado. É como um “sacramento”, ação visível que manifesta o perdão, a união e a fraternidade.

3 A LITURGIA COMO EXPRESSÃO MÁXIMA DA *LEX VIVENDI* DA IGREJA DOS PRIMEIROS SÉCULOS

Como descrevemos até o presente momento, os relatos dos martírios dos cristãos dos primeiros séculos da Igreja apresentam que não havia distinção da vida da litúrgica da práxis cristã. Os mártires viviam aquilo que celebravam, os gestos habituais das celebrações são repetidos de forma espontânea durante o processo condenatório.

No relato do martírio de São Frutuoso, bispo de Tarragona, o martírio é descrito da mesma maneira que se descreve um rito litúrgico. A descrição dos atos recorda os gestos que são realizados em uma celebração pontifical. São Frutuoso foi conduzido ao cárcere, acompanhado de seus diáconos. Na prisão, o bispo permanecia confiante e alegre em vista da coroa do Senhor que receberia, e orava ininterruptamente.

São Frutuoso exerce o seu ministério episcopal na prisão, batizando o catecúmeno Rogaciano. Numa sexta-feira, dia em que se recorda a paixão do Senhor, São Frutuoso foi levado diante do presidente Emiliano e confessou-se cristão dizendo: “Eu adoro um só Deus, que fez o céu e a terra, o mar e tudo o que eles contêm” (MARTÍRIO DE SAN FRUTUOSO, 2003,

p. 789). O mesmo fizeram os diáconos: foram, portanto condenados a serem queimados vivos. O martírio de São Frutuoso destaca a presença do sinal litúrgico do tempo. A condenação e a morte do mártir acontecem em uma sexta-feira, o dia que a Igreja recorda da Paixão de Jesus.

Daniel-Rops recorda, ainda, que os cristãos dos primeiros tempos viviam intensamente uma vida de oração. Eles entenderam o exemplo de Cristo que afirmava a necessidade de orar. “A oração é para o verdadeiro cristão uma escolta permanente que o acompanha ao longo de toda a vida, ou, por outras palavras, é a existência inteira que, consagrada a Deus, é oração: a vida deve transformar-se numa oração perpétua” (1988, p. 218).

Ainda no martírio de São Frutuoso, quando as chamas queimavam os laços que os amarravam, “lembrando-se eles da oração divina e de seu costume comum, cheios de alegria, de joelhos dobrados, certos da ressurreição, fixos na figura do troféu do Senhor, permaneceram suplicando ao Senhor até o momento em que juntos, exalaram suas almas” (MARTÍRIO DE SAN FRUTUOSO, 2003, p. 792). A oração ocupa um lugar privilegiado na vida dos cristãos da época dos mártires. A oração é o sinal do relacionamento entre uma pessoa e o próprio Deus. Castellano afirma que:

Toda a Bíblia, AT e NT, é, por excelência, o livro de oração. Desde o primeiro ato criador de Deus no Gênesis até o último clamor orante da Esposa no Apocalipse, desenrola-se na Bíblia um diálogo feito de Palavras e de obras de Deus e de respostas do homem, que, como a própria revelação e a história da salvação, já é autêntica em sentido amplo (2009, p. 815).

As orações próprias das celebrações litúrgicas também eram pronunciadas pelos mártires no momento em que se uniam à cruz de Cristo e se entregavam como uma perfeita oferenda. Como ocorreu no martírio de São Policarpo que, ao ser levado à prisão, pede uma hora para entregar-se à oração e a faz intercedendo por “todos, conhecidos e desconhecidos, bons e maus e, especialmente, todos os católicos que se congregam em cada lugar da Igreja” (MARTÍRIO DE SAN POLICARPO, 2003, p. 270). Policarpo recorda-se de rezar por todos, como é feito durante a celebração da Eucaristia. “O caráter litúrgico desta morte é um fato evidentemente se destaca. O bispo de Esmirna, na oração que pronuncia, na atmosfera de sua morte, consagra como uma última eucaristia, ele aparece como a hóstia da consagração” (BOUYER; DATTRINO, 1998, p. 53). Na pira, no momento de sua morte, enuncia uma solene ação de graças, como que uma primitiva prece eucarística:

Deus dos anjos, Deus dos arcanjos, nossa ressurreição, perdão do pecado, governador de todos os elementos e de todo o lugar, protetor de toda a linhagem dos justos que vivem em tua presença, eu te bendigo e te sirvo por me haver tido como digno de receber minha parte e a coroa do martírio, princípio do cálice, por meio de Jesus Cristo, na unidade do Espírito Santo, a fim de que, cumprindo o sacrifício deste dia, receba as promessas de tua verdade. Por isso eu te bendigo em todas as coisas e

me glorio, por meio de Jesus Cristo, eterno e onipotente Pontífice. Pelo qual a Ti, com o mesmo Espírito Santo, seja a glória, agora e no futuro, pelos séculos dos séculos. Amém. (MARTÍRIO DE SAN POLICARPO, 2003, p. 275).

M. Susini afirma que o martírio de Policarpo representa uma imitação perfeita da Páscoa do Senhor. O mártir não só recorda as palavras ou os gestos de Cristo, mas participa misticamente da paixão do Senhor (2002, p. 85).

Além disso, os gestos litúrgicos também eram destacados nas atas do martírio. Gestos como o de estender as mãos, comum nas celebrações e orações comunitárias, estão presentes nos relatos. Como está relatado no martírio de São Frutuoso e seus diáconos, que antes de expirarem, estenderam as mãos, “segundo o costume”. Clemente de Alexandria, ao tratar do tema sobre a vida cristã, orientava que a oração devia ser realizada com a cabeça levantada e de braços erguidos para o céu (CLEMENTE DE ALEXANDRIA, 2003, p. 193). Tertuliano explica que as mãos devem estar estendidas para a oração, porque os braços abertos significam e reproduzem o gesto sacrificial de Cristo (TERTULIANO, 2003, p. 219). Dessa forma foi encontrado o cadáver de São Filipe: com as mãos estendidas como a posição de quem estava em oração. O mesmo gesto também era retratado nas pinturas das catacumbas representando a atitude orante de toda Igreja.

A posição do corpo também está vinculada ao modo de orar da comunidade e desempenhou um papel importante na liturgia. Estar voltado na direção do oriente era um gesto comum de oração. No martírio de Piônio e Metródoro quando cravados no tronco “dirigiram seus olhos para o Oriente” (MARTÍRIO DE SAN PIONIO, 2003, p. 638). O Oriente é Cristo, “*Oriens ex alto*, o lugar donde procede a luz que desperta os homens que dormem nas trevas, e também a direção de Jerusalém terrestre” (DANIEL-ROPS, 1988, p. 218). Este costume que surgiu no século II foi conservado até os nossos dias, na tradição orientativa das igrejas e na celebração da missa *ad Orientem*. Daniel-Rops afirma que:

Se os primitivos cristãos conheciam e proclamavam a eficácia da oração e dos sacramentos, conheciam melhor do que nós o seu significado, a sua intenção simbólica e mística. A seus olhos, orar era conversar com Jesus vivo, como haviam conversado os discípulos de Emaús e como cada um conversaria, no dia de amanhã, com Cristo na glória. Comungar era sentar-se à mesa da última Ceia, cujos portadores eram todos familiares, e ao mesmo tempo tomar parte na Ceia eterna, que se iria celebrar no dia de amanhã (1988, p. 220).

CONCLUSÃO

Com estas breves indicações, podemos vislumbrar a riqueza litúrgica que as “Atas dos Mártires” preservam. As inúmeras semelhanças entre a liturgia e a vida da comunidade cristã na Igreja dos primeiros séculos testemunham que nesta época não havia separação entre a vida

espiritual e a vida cotidiana. Em um tempo de tanta perseguição e sofrimento, os mártires viveram a fidelidade ao Senhor até o fim da vida. Não temeram em anunciar o Evangelho e confessar a fé cristã.

O testemunho litúrgico dos mártires da Igreja enriquece o estudo sobre a espiritualidade litúrgica. Apesar de contarmos com inúmeros trabalhos e publicações sobre este tema, ainda se faz necessário o aprofundamento e a divulgação dos resultados das pesquisas, a fim de contribuir com a formação litúrgica do povo de Deus. Que pelo exemplo de tantos cristãos que viveram a práxis cristã, possamos nós, no tempo presente, também vivermos a partir da lei da oração.

REFERÊNCIAS

- ALDAZÁBAL, Jose. *A Eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- ALVAREZ GOMEZ, Jesús. *Historia de la Iglesia. Edad Antigua*. Madri: BAC, 2001.
- BOUYER, Louis; DATTRINO, Lorenzo. *La spiritualità dei Padri*. Bologna: Edizioni dehoniane, 1998.
- CASTELLANO, Jesús. *Oração e Liturgia*. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achillee. (Orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 815-825.
- CLEMENTE DE ALEXANDRIA. *Stromata*. In: CORDEIRO, José (Org.). *Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 192-195.
- COMBLIN, Jose. *A profecia na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2009.
- CONSTITUIÇÕES APÓSTÓLICAS. In: CORDEIRO, José, (Org.). *Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 473-508.
- DANIEL-ROPS, Henri. *A Igreja dos apóstolos e dos mártires*. São Paulo: Quadrante, 1988.
- FIGUEIDEDO, Fernando. *Curso de teologia patrística*. Petrópolis: Vozes, 1984. v. 2.
- FRANQUEZA, Adalberto. *O testemunho litúrgico nas Atas dos Mártires*. *Liturgia e Vida*, n. 197, p. 5-18. 1986.
- GRINGS, Dadeus. *Dialética da Política: História Dialética do Cristianismo*. Porto Alegre: Edipucrs, 1994.
- JERÔNIMO. *Comentário ao profeta Isaías*. In: CORDEIRO, José (Org.). *Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 774-775.
- MARSILI, Salvatore. *A liturgia, momento histórico da salvação*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- MARTÍRIO DE LAS SANTAS PERPETUA Y FELICIDAD Y DE SUS COMPAÑEROS. In: RUIZ BUENO, Daniel (Org.). *Actas de los mártires*. Madrid: BAC, 2003. p. 397-460.
- MARTÍRIO DE LOS SANTOS MONTANO, LUCIO Y COMPAÑEROS. In: RUIZ BUENO, Daniel (Org.). *Actas de los mártires*. Madrid: BAC, 2003. p. 801-824.
- MARTÍRIO DE LOS SANTOS SATURNINO, DATIVO Y OTROS MUCHOS MÁRTIRES. In: RUIZ BUENO, Daniel (Org.). *Actas de los mártires*. Madrid: BAC, 2003. p. 970-995.

- MARTÍRIO DE SAN EUPLO. In: RUIZ BUENO, Daniel (Org.). Actas de los mártires. Madrid: BAC, 2003. p. 1051-1056.
- MARTÍRIO DE SAN FELIPE. In: RUIZ BUENO, Daniel (Org.). Actas de los mártires. Madrid: BAC, 2003. p.1056-1085.
- MARTÍRIO DE SAN FELIX. In: RUIZ BUENO, Daniel (Org.). Actas de los mártires. Madrid: BAC, 2003. p. 958-964.
- MARTÍRIO DE SAN FRUTUOSO. In: RUIZ BUENO, Daniel (Org.). Actas de los mártires. Madrid: BAC, 2003. p. 781-801.
- MARTÍRIO DE SAN PIONIO. In: RUIZ BUENO, Daniel (Org.). Actas de los mártires. Madrid: BAC, 2003. p. 611-641.
- MARTÍRIO DE SAN POLICARPO. In: RUIZ BUENO, Daniel (Org.). Actas de los mártires. Madrid: BAC, 2003. p. 263-280.
- MELLO, Alberto. La passione dei profeti. Magnano: Qiqajon, 2000.
- MOLINERO, Antonio. Las otras liturgias occidentales. Bilbao: EGA, 1992.
- SAXER, Victor. Martírio. In: BERARDINO, Angelo. (Org.). Dicionário patristico e de antiguidades cristãs. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 895-901.
- STOCKMEIER, Peter; BAUER, Johannes. História da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2009.
- SUSINI, Mirella. Il martírio Cristiano esperienza di encontro com Cristo. Testimonianze dei primi ter secoli. Bologna: Edizione dehoniane, 2002.
- TERTULIANO. A oração. In: CORDEIRO, José (Org.). Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patristicos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 217-220.
- TERTULIANO. Apologético. In: CORDEIRO, José (Org.). Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patristicos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 203-208.
- TERTULIANO. Contra Marcião. In: CORDEIRO, José (Org.). Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patristicos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 231-232.
- VIDA Y MARTÍRIO DE SAN CIPRIANO. In: RUIZ BUENO, Daniel. (Org.). Actas de los mártires. Madrid: BAC, 2003. p. 724-750.